

Lisboa 1986

Departamento de Arqueologia / Serviços Regionais de Arqueologia

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA

03

I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

(Setúbal 1985)



I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

Setúbal - 24 a 26 de Maio de 1985

Organização: Museu de Arqueologia
e Etnografia de Setúbal

Capa: Isabel Lage

Design Gráfico e Montagem: Joaquim A.C. Franco

Composição Dactilográfica: João Lourenço

Revisão: Carlos T. Silva
e Joaquina Soares

Gravuras da Capa e Contra-capas: Estatueta em osso proveniente
de escavações na Travessa de
Frei Gaspar - Setúbal
(Escala 1:1, frente e verso,
desenho de Jorge Costa)

Fotolitos: Luis Pascoal
e António Ventura

Fábrica de Salga da Época Romana da Travessa de Frei Gaspar (SETÚBAL)

Carlos Tavares da Silva
Antónia Coelho Soares
Joaquina Soares

No âmbito do acordo estabelecido entre a Câmara Municipal de Setúbal e o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal segundo o qual aquela entidade não deve licenciar qualquer obra no "centro histórico" da cidade de Setúbal sem que o referido museu proceda a testes arqueológicos prévios foi possível proceder a escavações arqueológicas na Travessa de Frei Gaspar (artéria situada entre o Largo da Misericórdia e a Av. Luisa Todi, nas traseiras do edifício da Caixa Geral de Depósitos), após a demolição de um prédio aí existente e antes da construção de um outro. Decorreram esses trabalhos entre Abril e Junho de 1979 e contaram com a colaboração técnica e científica, além da dos signatários, de Luisa Ferrer Dias, ao tempo técnica de restauro no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. Escavou-se uma área com cerca de 120m² previamente quadriculada segundo sistema orientado N-S, com malha de 2m de lado; cada quadrado foi designado por uma letra maiúscula (de Oeste para Este) e por um número árabe (de Norte para Sul).

ESTRUTURAS

A escavação pôs a descoberto dois conjuntos de estruturas, com funções e cronologias distintas, um situado na zona Este, o mais antigo e talvez de carácter habitacional, e outro, fabril, que ocupava toda a zona Oeste.

O primeiro, em conexão com um estrato de ocupação datável de meados e terceiro quartel do séc. I d.C. (*sigillata* sudgálica, "paredes finas" da Bética, ânforas das formas Dressel 2/4 e Beltran II e IV) é constituído por dois muros perpendiculares, providos de dilatações quadrangulares onde assentariam colunas formadas por tijolos de quadrante que poderiam integrar um peristilo. O pátio interno assim

delimitado possuía pavimento de barro vermelho, batido. Este pátio foi mais tarde reduzido pela construção de um muro que se foi adossar perpendicularmente ao muro de direcção Este-Oeste do mesmo peristilo.

A fábrica de salga, só parcialmente escavada, pois prolonga-se por sob os edifícios que limitam a Norte e a Sul a área objecto dos nossos trabalhos, e por debaixo da Travessa de Frei Gaspar (a Oeste), foi construída muito possivelmente no último quartel do séc. I, tendo, a vala de construção do muro que a limita a Este cortado, como adiante veremos, o estrato de ocupação correspondente ao peristilo atrás referido. A parte escavada mostra-nos um conjunto de 14 tanques rectangulares e quadrangulares, de diversas dimensões, dispostos em fileiras paralelas e que se organizam em

torno de um pátio. Os tanques mais pequenos, em número de 6 e de planta rectangular (1,20x0,80m), formam a primeira fiada (a partir do pátio); a segunda fiada, ao longo do muro exterior, é constituída por tanques maiores, primitivamente todos de planta quadrangular (2,20m de lado; um deles, o nº 9, atinge o comprimento de 3m, sendo a largura indeterminada). A profundidade primitiva dos tanques oscila entre 1,30 e 1,35m. Estão patentes duas fases de construção-utilização desta unidade fabril. Assim, os tanques 8 e 10 receberam um segundo fundo de **opus signinum** rico em fragmentos de cerâmica, que foi assentar sobre nível de entulho acumulado em um período de abandono. Também no pátio se verificou situação idêntica, com a construção de um segundo pavimento, igualmente de **opus signinum** rico em fragmentos de cerâmica, cobrindo nível de entulho do período de abandono que, por sua vez, repousava sobre o pavimento mais antigo. Este, tal como o revestimento primitivo dos tanques, é de **opus signinum** quase sem fragmentos de cerâmica e muito rico em brita de calcário comum ligada por argamassa de cal e areia. Finalmente, os tanques 11 e 12, rectangulares, resultaram da divisão de um tanque inicialmente quadrangular, pela construção de um muro forrado de **opus signinum** rico em fragmentos de cerâmica. Verifica-se, pois, que enquanto o **opus signinum** da primeira fase de construção (finais do séc. I) é muito pobre em fragmentos de cerâmica, estes abundam no **opus signinum** da segunda fase, datável, como veremos dos finais do séc. IV ou o que é mais provável, do séc. V.

As paredes dos tanques formam entre si ângulos arredondados (côncavos), à excepção dos tanques 11 e 12 (os mais tardios) que possuem cantos em meia cana saliente (convexa). A junção parede-fundo faz-se, de um modo geral, por meia cana saliente (convexa).

O muro que limita a fábrica a Este possui 0,70m de espessura e foi construído com grandes blocos de calcário comum e de brecha da Arrábida, calhaus rolados e argamassa de cal e areia.

ESTRATIGRAFIA E CRONOLOGIA

Como ficou implícito no que escrevemos no capítulo precedente, as escavações arqueológicas efectuadas na Travessa de Frei Gaspar revelaram quatro grandes períodos na ocupação romana do local:

I - Meados e terceiro quartel do séc. I. Construção do peristilo da zona Este e utilização do respectivo pátio.

II - Último quartel do séc. I e séc. II-III/IV. Construção e primeira fase de funcionamento da fábrica de salga.

III - Séc. IV. Abandono da fábrica e utilização do local como lixeira (entulhamento dos tanques).

IV - Séc. V. Segunda fase de construção e de utilização da fábrica de salga (somente alguns tanques voltam a funcionar).

Esta periodização baseia-se muito especialmente nos dois perfis estratigráficos que passaremos a descrever.

O corte aberto ao longo da face externa do muro que limita a Este a fábrica de salga proporcionou a seguinte sequência (de cima para baixo):

Cs. 1 e 2 (nesta zona da escavação, ao contrário do que se verificou na maior parte da área estudada, estas duas camadas não se diferenciavam entre si) - Esp. ca. 0,30-0,50m. Camada revolvida aquando da demolição do edifício do séc. XIX. Areia argilosa cinzenta escura. Materiais modernos, romanos e de outras épocas, misturados, designadamente um pequeno instrumento de pedra polida, talvez enxó (Neolítico ou Calcolítico); s. clara C e D (formas indeterminadas); ânforas das formas Dressel 2-3 (1 ex.), Almagro 50, Beltran IV (1 ex.) e Almagro 51C; figura antropomórfica de osso, com bons paralelos em exemplares de Tróia de Setúbal e Conímbriga (1) e abundante cerâmica de construção da Época Romana.

C.3 - Esp. ca. 0,05-0,10m. Areia de praia com escasso material arqueológico (s. clara C da forma 45 de Hayes, datada de 230-320 d.C. e clara D de forma indeterminada).

C.4 - Esp. ca. 0,25m. Corta a C.7. Areia argilosa acastanhada com manchas de areia de praia, pequenos fragmentos de carvão, ossos de animais, conchas de moluscos marinhos e fragmentos de cerâmica (s. clara A de forma indeterminada, clara C da forma 45 de Hayes e ânforas das formas Beltran IV, Almagro 50 e Almagro 51C).

C.5 - Esp. ca. 0,30m. Preenche a parte superior da vala de construção do muro que limita a fábrica a Este. Argila arenosa cinzenta muito escura. Continha pequenos fragmentos de carvão, cerâmica comum, t.s. sudgálica (forma decorada Drag. 37) e hispânica, s. clara A, "paredes finas" (forma Mayet XLIII, decorada por pequenas pérolas de barbotina).

C.6 - Esp. ca. 0,15-0,20m. Preenche o fundo da vala de construção do muro que limita a Este a fábrica de salga. Argila castanho-avermelhada (muito semelhante à da C.7).

C.7 - Esp. ca. 0,10-0,15m. Foi cortada pela parte superior da vala de construção do muro que limita a Este a fábrica de salga. Argila castanho-avermelhada (muito semelhante à da C.6, do fundo da vala de construção daquele muro). Continha cerâmica comum, t.s. sudgálica (form Drag.27), "paredes finas" (forma indeterminada), ânforas das formas Dressel 2-4, Beltran II, IV e V (=Dressel 20).

C.8 - Esp. ca. 0,20-0,30m. Cortada pela vala de construção do muro que limita a Este a fábrica de salga. Areia cinzento-amarelada. Forneceu cerâmica comum e fragmentos de ânforas das formas Dressel 2-3, Beltran II e Beltran IV.

C.9 - Esp. indeterminada. Areia de praia arqueologicamente estéril.

Este perfil mostra-nos que as Cs. 7 e 8, correlacionáveis com a construção e utilização do peristilo da zona Este, e datáveis de meados e do terceiro quartel do séc. I, foram cortadas pela vala de construção do muro que limita a Este a fábrica de salga. Essa vala, aberta no último quartel do séc. I, começou por ser preenchida a partir da remobilização de parte da C.7 e foi-se colmatando durante os primeiros tempos de funcionamento da fábrica (C.5 - datável dos sécs. I-II d.C.). Com o final da primeira

fase de funcionamento da fábrica pode relacionar-se a C.4, que datamos do séc. III/IV. Ter-se-ia seguido uma fase de abandono, formando-se a C.3, de areia de praia pobre em material arqueológico e em matéria orgânica, sobre a qual se vieram a depositar entulhos com materiais do séc. IV.

A escavação de parte do enchimento do tanque 8 permitiu a seguinte leitura (de cima para baixo):

C.1 - Esp. ca. 0,20m. Areia argilosa negra com pequenos fragmentos de carvão.

C.2 - Esp. ca. 0,30m. Areia argilosa castanha escura com pedras, abundante cerâmica de construção (telhas curvas) e fragmentos de argamassa de cal e areia.

C.3 - Esp. ca. 0,05-0,10m. Formação amarelada constituída por numerosas escamas e espinhas de peixe (restos de salga). Forneceu **sigillata** clara de forma indeterminada.

C.4 - Esp. ca. 0,04m. Camada de **opus signinum** rico em fragmentos de cerâmica. Trata-se do fundo construído na segunda fase de utilização do tanque.

C.5 - Esp. ca. 0,60-0,70m. Areia argilosa acastanhada, com numerosos fragmentos de carvão, cerâmica de construção e **sigillata** clara.

C.6 - Esp. ca. 0,20m. Areia castanha escura, quase preta, rica em fragmentos de carvão. Assenta sobre o fundo. Contém conchas de **Ostrea**, fragmentos de telhas curvas, ânforas, **sigillata** clara D (formas 53 (?), 61B e 73A de Hayes), lucerna em **sigillata** clara D, de canal curto com bordos rectilíneos, pequena asa não perfurada e disco decorado com representação de vieira, integrável no tipo Dressel 31, Bronneer

XXVIII e IV de Ponsich, muito semelhante a um exemplar encontrado em Thamusiada (2).

Os materiais mais tardios da camada mais profunda do enchimento do tanque 8 são integráveis na primeira metade do séc. V (s. clara D pertencente às formas 61B e 73A de Hayes e lucerna da forma IV de Ponsich) pelo que a segunda fase de construção e funcionamento da fábrica (representada pelo "fundo" em **opus signinum** da C.4 e pelos restos de salga da C.3) não poderão ser anteriores àquela data.

De notar a coincidência entre a periodização que pensamos ter reconhecido na Travessa de Frei Gaspar e a que já havíamos detectado na Praça do Bocage (3), onde estão patentes as três primeiras fases da Travessa de Frei Gaspar, faltando contudo a fase IV deste último local. Em ambos os sítios se notaram vestígios de ocupação de meados e do terceiro quartel do séc. I anteriores à construção das fábricas. Estas teriam sido construídas, quer a da Praça do Bocage, quer a da Travessa de Frei Gaspar, no último quartel do séc. I, funcionando a primeira durante o séc. II, após o que teria sido abandonada, ou entrado em grande decadência, pelo que os seus tanques (ou parte) foram preenchidos por nível de lixeira formada ao longo dos séculos III e IV. A da Travessa de Frei Gaspar poderia ter funcionado em pleno até um pouco mais tarde, vindo a ser abandonada, e os seus tanques entulhados, talvez só no séc. IV; após este período de abandono e já no séc. V parte da primitiva área fabril volta a ser utilizada na produção de salga.

CONSERVAÇÃO DAS ESTRUTURAS POSTAS A DESCOBERTO

As intervenções arqueológicas realizadas na área urbana de Setúbal têm-se fundamentado num acordo estabelecido entre o Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal e a Câmara Municipal, o qual é enformado, de um modo genérico, pelos seguintes pontos:

1. As licenças de construção relativas ao Centro Histórico (área envolvida pelas fortificações seiscentistas) são condicionadas pela prévia realização de sondagens arqueológicas (por vezes subsidiadas pelo I.P.P.C.; contam com mão-de-obra indiferenciada fornecida pela Câmara Municipal e, eventualmente, pelo proprietário).

2. Se os vestígios arqueológicos detectados através das sondagens se revelarem importantes, procede-se a escavação que abrangerá toda a área a edificar.

3. Concluída a escavação, e não se considerando necessário conservar eventuais estruturas, a obra poderá iniciar-se. Se as estruturas se mostrarem relevantes, o museu apresenta à Câmara Municipal proposta de conservação e recuperação das mesmas. A autarquia inicia então contactos com o proprietário, com a dupla finalidade de adaptar o projecto de construção às exigências postas pela existência de estruturas e de serem estudadas soluções técnicas e compensações para que a área correspondente aos vestígios arqueológicos se possa transformar num espaço cultural.

Relativamente ao conjunto arqueológico da Travessa de Frei Gaspar, seguiram-se, de um modo geral, as normas atrás expostas.

Possuindo as estruturas postas a descoberto inegável interesse didáctico e relevante significado histórico no contexto da colonização romana do estuário do Sado, o Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal propôs a criação de um espaço museográfico a funcionar no primeiro piso do edifício a construir. De acordo com o projecto então elaborado, a fábrica de salga mantém-se a descoberto, bem como um troço do peristilo da zona Este. A circulação realiza-se através de passarela suportada por estrutura metálica. A parede do fundo, paralela à rua, será ocupada por vitrina destinada ao espólio exumado no local e as paredes laterais apresentarão documentação gráfica.

Um problema surgiu em resultado da pequena profundidade a que se encontra o manto freático na área do Centro Histórico de Setúbal; foi, porém, superado pela criação, nos tanques de salga, de fundo falso, 0,15m acima do original, facilmente removível e construído com argamassa de aspecto semelhante ao da Época Romana.

Um conflito de carácter jurídico entretanto ocorrido entre o proprietário e a Câmara Municipal, relacionado com as compensações que esta entidade ofereceu aquele em troca do seu direito de propriedade sobre o primeiro piso do novo edifício, impede, neste momento, a abertura ao público do referido espaço.

NOTAS:

1. Fouilles de Conimbriga, VII, nº 315, pp. 192 e 193, Est. LIII
2. M. Ponsich, Les Lampes Romaines en Terre Cuite de la Maurétanie Tingitane, Rabat, 1961, nº 357, Est. XXVI
3. C. Tavares da Silva e A. Coelho-Soares, A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana: escavações arqueológicas de 1980. Setúbal Arqueológica, vol. VI-VII, Setúbal, 1980-81, pp. 249-294

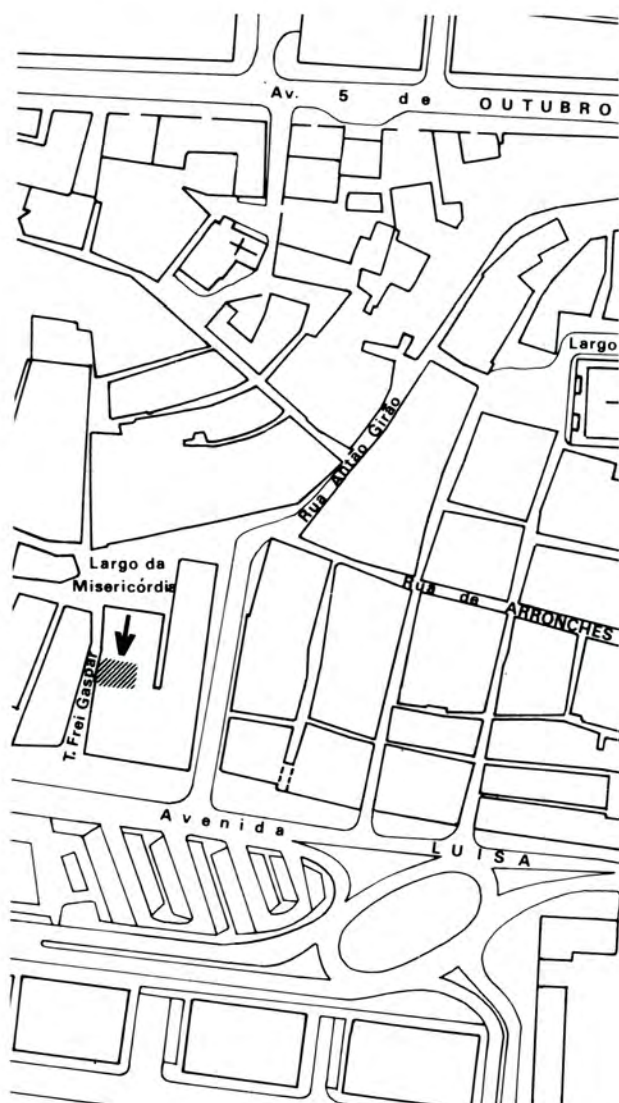


Fig. 1 - Localização da Travessa de Frei Gaspar na cidade de Setúbal



Fig. 3 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Aspecto geral da fábrica de salga

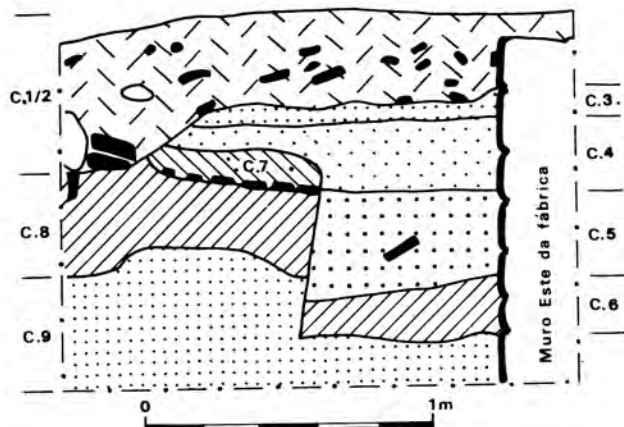


Fig. 4 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Perfil Sul do Q. E4 (corte efectuado no exterior da fábrica de salga e perpendicular ao seu muro Este)

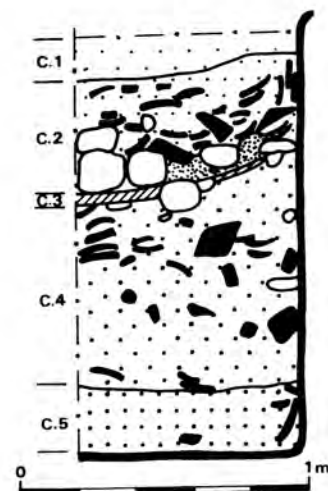


Fig. 5 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Enchimento do Tanque 8 (perfil Este do Q. B1)

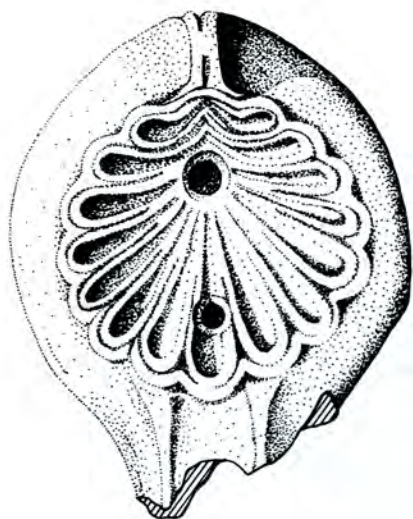


Fig. 6 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Lucerna proveniente da C.6 do Tanque 8

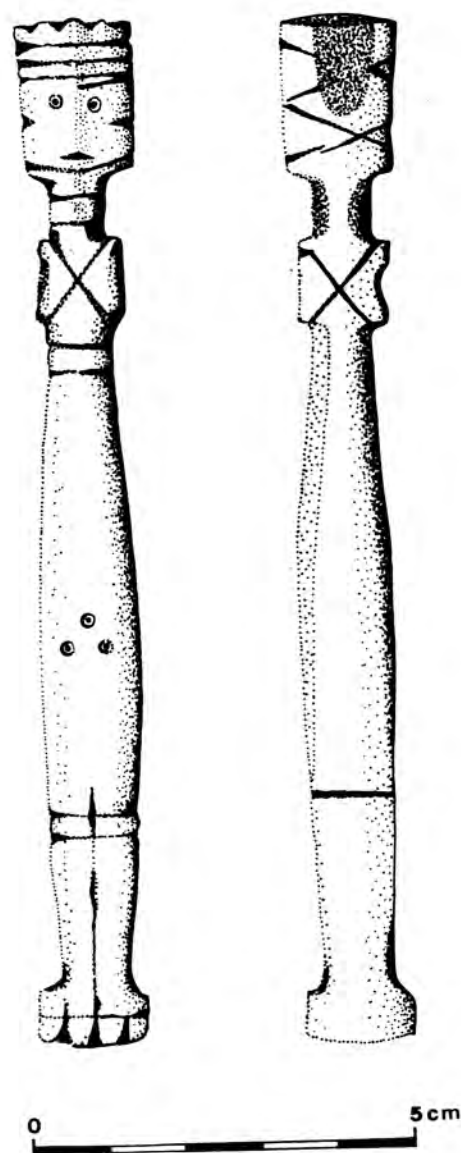


Fig. 7 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Estatueta em osso proveniente da C. 1/2 do Q. E4

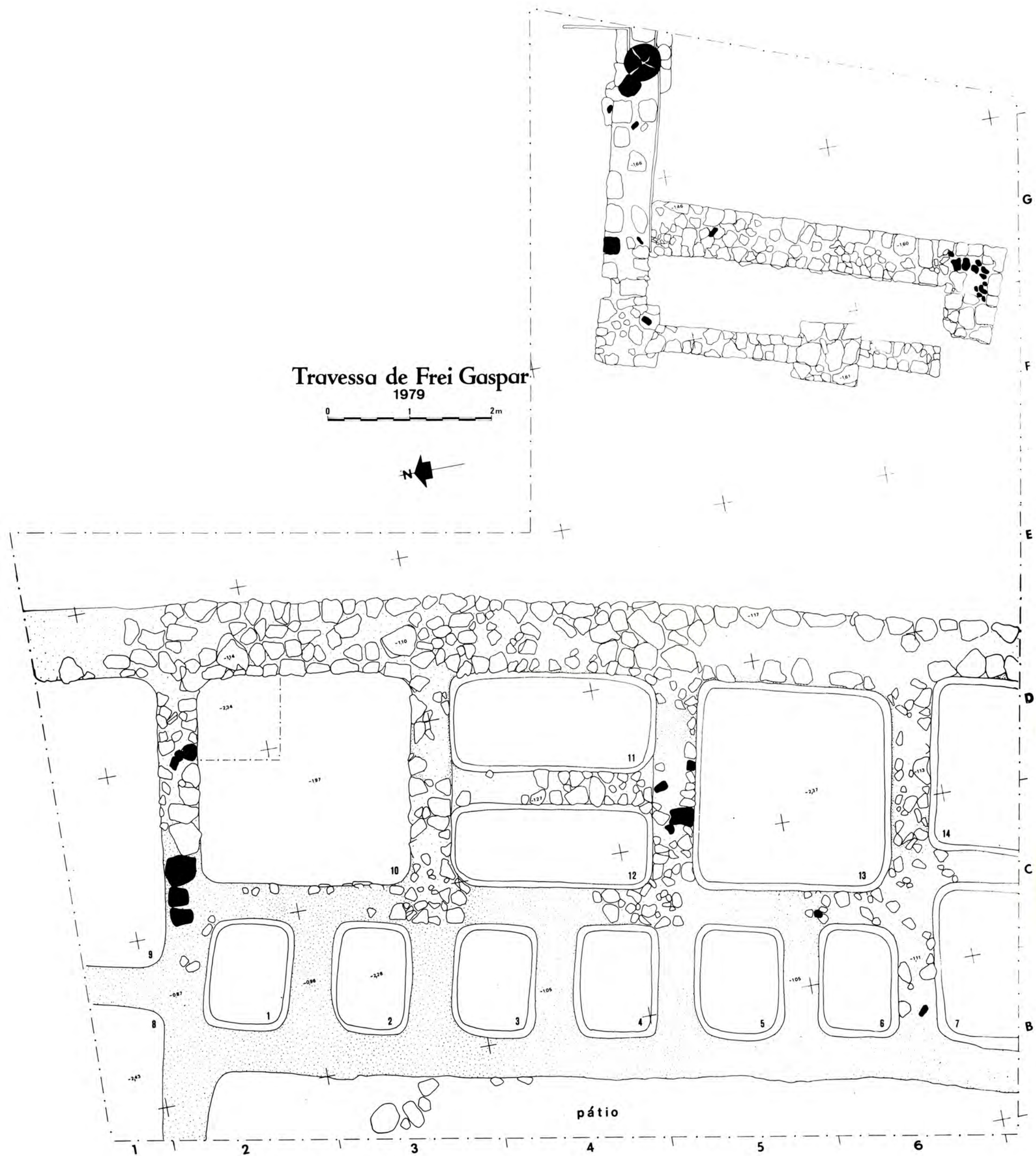


Fig. 2 - Travessa de Frei Gaspar, 1979. Planta da área escavada.

